

NO COMBATE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL, O PROJETO "ALTO SUSTENTÁVEL" PROMOVE UM PAPEL SIGNIFICATIVO NO ALTO JOSÉ DO PINHO.

Rafaela Ordonio dos Santos ¹

RESUMO

O estudo sobre étnico racial busca despertar aos estudantes e docentes, a importância de serem debatidos assuntos pertinentes a realidade Brasileira. Uma busca para mostrar Como a Discriminação esta presente na sociedade e as formas de radicalizar esse problema. O projeto Alto Sustentável do Alto José do Pinho é um forte agente no combate ao preconceito e devolve o poder de pertencimento dos moradores da localidade. O projeto vai além da limpeza do bairro, ele resgata a dignidade humana dos moradores. Através da sustentabilidade é possível sim, trazer esperança para quem não consegue sonhar. Foi realizada uma pesquisa com o objetivo de identificar se com ações educativas é possível se combater o preconceito racial. A metodologia utilizada foi referencias bibliográfica juntamente com pesquisa de campo, acompanhando a ação com os voluntários do projeto.

Palavras-chave: Discriminação Racial, Alto José do Pinho, ação social.

INTRODUÇÃO

O preconceito esta instalado há anos em nossa sociedade, porém não podemos acreditar que essa pratica é algo normal para o convívio humano. Já afirma Guimarães (2017) quando diz que desigualdade racial, racismo, discriminação, democracia racial e ações afirmativas fazem partes não apenas do vocabulário político de resistência ao preconceito, mas justamente por isso, carregam eles mesmos uma historia particular e são objetos de disputa.

O objetivo central desse trabalho que esta em seu processo inicial de pesquisa, é visualizar a importância de ações sociais dentro das comunidades, como uma forma de erradicar a discriminação racial. Não podemos permitir que essas práticas aconteçam de forma natural.

O projeto Alto Sustentável une a educação ambienta em conjunto com o resgate ao principio da dignidade humana, conforme elenca a Constituição Federal. Segundo Barbosa (2008) O termo “desenvolvimento sustentável” surgiu a partir de estudos da Organização das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, como uma resposta para a humanidade perante

¹ Graduada pelo Curso de Administração da Universidade Tiradentes – UNIT/PE, rafaelaordonio@hotmail.com.

a crise social e ambiental pela qual o mundo passava a partir da segunda metade do século XX.

METODOLOGIA

O estudo utilizou uma Metodologia descritiva que é realizada através de análises e registro exploratório com levantamento bibliográfico e entrevistas. Além disso, a pesquisa qualitativa se deu para estudo do grupo específico ao qual buscamos conhecê-lo.

DESENVOLVIMENTO

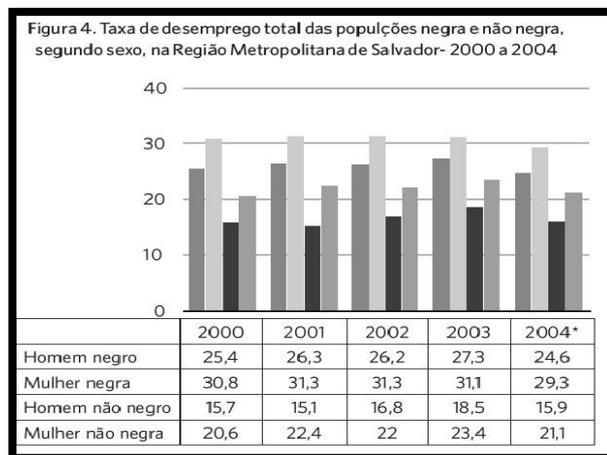
DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Quando falamos em discriminação racial, é notório o desconforto das pessoas para debater um tema que esta em nosso cotidiano. É um assunto que virou um tabu, ocorre uma falta de empatia para compreender os papéis sociais e culturais dos que foram marginalizados historicamente. Inacreditável é descobrir que a discriminação acontece todos os dias em nosso país e que a igualdade não foi alcançada. O negro e o mestiço ainda são colocados no lugar de invisibilidade, ou seja, espaços de representatividade e não lhe é oportunizado de forma igualitária.

Segundo, Santos, Helio, (2003) a invisibilidade da questão racial deve ser interpretada aqui como um fato que não se nota, não se discute nem se deseja notar ou discutir. É como se não existisse. A história narrada nas escolas é branca, a inteligência e a beleza mostrada pela mídia também o são. Os fatos são apresentados por todos na sociedade como se houvesse uma preponderância absoluta, uma supremacia definitiva dos brancos sobre os negros.

A população brasileira é composta em sua maioria pelos negros, porém eles não são a maioria que compõe as universidades, nem possuem acesso a políticas pública de saúde, não são os que compõem outdoors de propaganda, não estão em cargos de destaque e lideranças nas organizações privadas. Na mídia, temos uma carência muito grande de heróis e heroínas não brancos na ficção e nos desenhos animados. Observa-se que a taxa de desemprego entre homens e mulheres negros são mais altos em comparação a homens e mulheres não negros.

Esse índice aumenta quando falamos de gênero, onde a mulher esta no local de mais vulnerabilidade.



Fonte: Saúde da População Negra – 2ª edi – Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates Pag. 133

E quando criavam papeis o lugar do negro ou era de submissão ou sexualização. Segundo Lázaro Ramos (2017) 4% dos protagonistas nas novelas da Rede Globo foram interpretadas por mulheres não brancas em 1995 e 2014.

- A mãe preta que faz tudo pelos patrões;
- A empregada domestica;
- O escravo;
- A negra fogaosa e sensual;
- O malandro;



Fonte: Imagem extraída do site <http://nodeoito.com/monopolio-midia-brasil/>.

O problema étnico-racial no Brasil contrasta com a riqueza de diversidade do povo que o compõe.

1 - As cores que compõe o Brasil:

Na década de 1872, o IBGE, reconhecia três cores: brancos, pretos e pardos. Com a intenção de embranquecer a população foi criada A Lei de Terras (1850), que permitia aos estrangeiros que se fixassem no país a isenção dos serviços militares. Todos os benefícios foram concedidos aos estrangeiros que vinham para morar no Brasil, incluindo alemães, espanhóis italianos e portugueses. Segundo, Santos, Helio (2003), durante o decênio 1881/1900, o país recebeu mais de meio milhão de europeus. O interessante é que mesmo com o fim da escravidão em 1888, os negros forros não tinham privilégios que possuíam os imigrantes. Tanto que os negros libertos não eram considerados cidadãos. Segundo Freyre (1992), a miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga.

Nascia, neste momento, uma cultura de privilégios para os mestiços em relação aos negros. Traçava-se uma linha gradual de privilégios, aliás, onde os brancos 'puros' ocupavam o topo de uma pirâmide social, seguida dos mestiços e, por último, apareciam os negros 'puros'(Tainan e Silva, 2017).

Essa historiografia acabou confirmando àqueles que deveriam ficar a margem do conceito de cidadania por estarem longe do modelo desejado de uma civilização européia e branca, os negros, índios e seus descendentes (GUIMARÃES, 1988). Para Thomas Skidmore (1976), a posição otimista frente à miscigenação brasileira, mas com a ideia da superioridade da raça branca, serviu de base para a doutrina do branqueamento.

Também denominada de pigmentocracia (quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão ela sofre), o colorismo estaca um tipo de discriminação que enfatizava os traços físicos do indivíduo, questões determinantes para revelar o valor que a ele seria dado em sociedade. (Tainan e Silva, 2017, pag12).

Temos efetivamente uma discriminação racial no Brasil, pelo qual chamamos de colorismo. O colorismo nada mais é que o preconceito pela cor da pele, onde separa pelo grau de tom mais escuro da pele. São fatores de colorismo como: Possuir descendência africana, cabelos crespos, nariz largo. Segundo Oracy Nogueira afirma que no Brasil, a intensidade do preconceito varia em proporção direta aos traços negróide.

2 - O sangramento da alma:

O que temos também é os mestiços que por muitas vezes não aceitam sua descendência negra e propõe a esconder ou até mesmo silencia esse assunto. Nas escolas ainda se faz presente no livro didático uma concentração histórica da visão dos vencedores, colonizadores, dos favorecidos privilegiados, não se diz que 4 milhões de negros foram importados para o Brasil. Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças, ela nos marca para o resto da vida (Marc Ferro, 1983).

Nesse sentido, como afirma Cavalleiro (2001, p. 79) A dificuldade de lidar com o problema étnico parece dar às professoras a ilusão de que ignorar é a melhor saída. Em resposta aos inúmeros conflitos étnicos, o abafamento surge como uma opção para que o problema desapareça do cotidiano escolar e a sua vítima dele se esqueça. Como se fosse um conto de fadas que, no final, sempre acaba bem. Carregamos uma bagagem de muitos anos atrás. O processo de branqueamento foi tão forte, que hoje temos o reflexo disso.

Sendo o país que mais escravos trouxeram. Sem contar com os que nasciam já no país, os chamados de crioulos. Ouvimos falar de uma forma tão natural, sobre trafico de entorpecentes, trafico de órgãos, trafico de armas, tráficos de medicamentos e não porque do trafico negroiro?

Segundo Santos, Helio, 2003, Todo esse barbarismo torna-se pequeno quando comparado ao trafico negroiro, que, existiu por cerca de 320 anos, isto é, 64% do tempo de vida de no sso país. Isso significa que, para cada três anos de historia, dois estavam preenchidos pelo vil comercio que negociava o corpo e a vida dos negros. Sem contar que o navio negroiro era conhecido como tumbeiro (caixão ou sepultura).

Muitas foram às torturas que os negros passaram quando chegaram no Brasil. Os europeus utilizavam-os para os trabalhos com café, e as mulheres abusadas para trabalhos domésticos. Das relações forçadas com as escravas negras, nasciam os crioulos que eram doados para a igreja católica a qual se utilizava do trabalho escravo.

3 - Saúde da população Negra:

Vivemos em uma falácia democrática racial no Brasil, comprovado facilmente quando analisamos a saúde dos negros. Em destaque o fator econômico em que estão inseridos cooperando para uma forma precária de viver. Seyferth (2002, p. 41) afirma que “a desigualdade concedida como beneplácito é a própria essência do racismo”.

Taxa de mortalidade 10 a 29 anos, segundo sexo e raça/cor, Brasil, 2008

	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Branco	119,6	38,1	77,8
Negro	210,3	51,2	133
Risco Relativo	1,8	1,3	1,7

Distribuição percentual de nascidos vivos com mães com até 3 anos de estudos, segundo a raça/cor da mãe e o número de consultas de pré-natal, 2010

	Nenhuma	1 a 6	7 e +
Branca	2,9	41,2	56
Preta	7,1	54,3	38,6
Amarela	3,9	49,4	46,6
Parda	4,9	59,5	35,5
Indígena	14,8	72,5	12,7
Total	4,8	55,2	40

Fonte: Saúde da População Negra – 2ª edi – Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates Pag. 58.

4 - Após abolição:

A senzala onde moravam os negros escravizados foi grande parte de sua história e talvez fim de muitas vidas. Gilberto Freire diz que a gente como que se encontra... E se lembra de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós; não sei - Proust devia explicar isso direito. Na senzala sentimos nos nervos nosso passado cheio de sensibilidade e almas vividas.

A narrativa dos os ex-escravos forjada depois do dia 13 de Maio de 1888, dependeu muito da situação econômica. Lázaro Ramos (2017, pág. 86) diz que “O escravo mesmo tendo sua alforria, era considerado um fujão, caso alguém encontrasse ele andando solto pelo território nacional”. O que se sabe é que sua maioria continuou trabalhando para seus senhores. Na Paraíba tiveram escravos que se aliaram com os senhores de engenhos e passaram a cuidar do gado. As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo foram os que mais receberam os ex-escravos libertos. Como haviam muitos imigrantes em São Paulo a mão de obra se tornou barata. Tiveram mais chances o que foram para o Rio de Janeiro onde a quantidade de indústria era maior. Na capital também, ao contrário do que ocorria em São Paulo, muitos donos de oficinas artesanais e de manufaturas já utilizavam o trabalhador negro antes da

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

abolição. (MELANE, 2006: 74). Precisamos sim identificar que existe diferença para o não branco e combater a segregação que hoje vivemos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 - Alto José Do Pinho - Processo De Formação:

Recife foi construído em berço fértil, envolvido pelo mar, com um bom clima e propício a moradia. Segundo afirma Martins Falcão (2010), O oceano e os mares, além de suprimento alimentar, apontavam as perspectivas de contato com outras culturas e nações e os rios, além disso, eram fontes de abastecimento de água potável, possuíam potencial de irrigação, energia e produção de alimentos. Um ambiente que antes era apenas de paisagem, começam a ser implantadas moradias fixas na parte litorânea do Recife.

O bairro Alto Jose do Pinho é situado na Região metropolitana do Recife. Possui em média de 6,5 km da cidade. O nome teve origem através de um morador Jose Melo que tocava violão, onde na época esse instrumento era conhecido como ‘pinho’. Daí o alto passou a ser chamado como José do Pinho.



Fonte: Atlas Metropolitano - Desenvolvimento Humano na Região metropolitana do Recife
<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/alto-jose-do-pinho>.

No século XX, o alto começou a ser habitado por pessoas que fugiam da seca e desemprego do campo. Esses imigrantes ao chegar no alto, trouxeram seus costumes como plantações como forma de sobrevivência. Com abertura da Fábrica da Macaxeira (Cotonifício Othon Bezerra de Melo), em 1924, atraiu muitas pessoas também de outros estados, para

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

capital. Sendo assim, o Alto José do Pinho foi um dos primeiros morros a serem habitados nos anos de 1945, após a retirada dos mocambos do centro do Recife (Serviço Social contra o Mocambo).

2 - Movimentos popular:

Sobre o Movimento Cultural do Alto José do Pinho vale destacar que, a necessidade de combater os problemas sociais da comunidade, inventando novas maneiras de estar e sentir o mundo, foi o ponto de partida para que os grupos fizessem valer um processo coletivo e contra-hegemônico de subjetivação (SILVA E MESQUITA, 2016).

A comunidade é bastante conhecida como uma fonte artística, onde grupos de cultura tradicional (caboclinhos, afoxés e bois) se fortaleceram, bandas de rock famosas nasceram e convivem com o brega e o forró.

3-Projeto Alto Sustentável:

O primeiro projeto voltado à pintura de escadarias, encostas, limpeza e organização das ruas na zona norte do Recife, que teve os próprios moradores como voluntários foi o Projeto Alto Sustentável. Criado em Agosto de 2014 e tendo sua primeira ação em outubro do mesmo ano. Biólogo, pai de Otto B.S. Terézio, Hanom Denovan é o propulsor desse trabalho na cidade do Recife, que tem como objetivo principal, resgatar a dignidade dos moradores, através do cuidado com o local onde habitam. A parti dessa ação os moradores começam a ter o poder de pertencimento e tem um olhar diferenciado para o Alto José do Pinho.

A sustentabilidade é uma temática vinculada a cultura, à sociedade e ao próprio ser humano. Esta associada ao compromisso social e relacionada ao processo participativo de construção no qual as instituições políticas, a sociedade civil e os grupos de interesse organizados encontram espaço para exercer seu papel de representação política e institucional (Bortolon e Mendes, 2014).



O projeto vive totalmente de doações como pneus, garrafa pet, paletes, tintas de paredes usadas abudos. É utilizando de matérias recicláveis para conscientizar também a população para o cuidado como lixo. Segundo Hanom, é difícil falar de sustentabilidade para quem tem fone, onde a moradia não é digna, onde o acesso ao lazer não existe, pouco saneamento básico, para quem não tem perspectiva no futuro, mas com a ação, eles começam a ver esperança”.



Fonte: REPRODUÇÃO/TV GLOBO - Rua 14, no Alto José do Pinho, passa por transformação com ajuda de moradores e comerciantes.

As investigações e implicações do que tomava a forma de uma mudança de paradigmas, como havia previsto e estudado o físico Thomas Kuhn, há mais de 20 anos, foram consideradas por Fritjof Capra (1982) como ponto de partida para a investigação e observação de que os principais problemas visíveis do século XX (ameaça nuclear, degradação do meio ambiente, desigualdades entre exploração versus consumo entre os hemisférios Norte e Sul, preconceitos políticos e raciais, etc.) são todos sintomas ou aspectos diversos do que, no cerne, não passa de uma única crise fundamental, que é uma crise de percepção, distorcida e baseada no individualis e na separatividade entre seres humanos, matéria e acontecimentos. (Heemann e Silva, 2014).

Com a ação do projeto, os jovens tem a oportunidade de participarem de uma forma efetiva das resoluções de parte de tantos problemas no Alto José do Pinho. Com isso eles tomam para si a responsabilidade de cuidarem e fiscalizarem que não preservam o ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, é visto que o projeto Alto Sustentável, ajuda a combater todo tipo desigualdade implantada na sociedade, através de ações voluntarias. Com esse estudo,

podemos concluir que não podemos aceitar e permitir praticas de preconceito racial no nosso cotidiano.

Se faz necessario maiores numeros de projetos que estejam encajados na periferia para ajudar de uma forma construtiva a minimizar impactos gerados pelos nossos antepassados.

REFERÊNCIAS

BARBOSA Gisele Silva. O **DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL** Revista Visões 4ª Edição, Nº4, Volume 1 - Jan/Jun 2008.

BORTOLON, Brenda e MENDES M. S. S. A importância da Educação Ambiental para o alcance da Sustentabilidade. Revista eletrônica de iniciação científica 2014.

FONTES, Bruno e BURGOS, Léo, TV Globo, Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/06/01/moradores-se-unem-e-transformam-ruas-no-alto-jose-do-pinho-no-recife.ghtml>. Acesso em: 10 Junho de 2019.

Guimarães, ASA . **Preconceito racial: modos, temas e tempos**, Editora Cortez, 2017.

Heemann e Silva. **Eco-Concepção: Design, Ética E Sustentabilidade Ambiental** – 2014.

LOPES, Luís E. B. J. W. F. **Saude da População Negra** – 2 edi – Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. Tempo Social revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 296.

Plínio Martins Falcão, Ms.C. **PROBLEMAS Urbanos Na Costa De Metrôpoles Do Nordeste Do Brasil**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IFBAIANO – Bahia.

Prefeitura do Recife. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/alto-jose-do-pinho>. Acesso em: 02/02/2019.

SALES, Mayara. **Viver o Recife por inteiro – Alto José do Pinho.** Disponível em: <https://vivorecife.wordpress.com/2015/04/30/viver-o-recife-por-inteiro-alto-jose-do-pinho/comment-page-1/?unapproved=7&moderation-hash=b691147d800fe1ff82b17a8a6da9afe2#comment-7>. Acesso em: 14 agosto 2019.

SANTOS, Helio. **Busca de um caminho para o brasil. A trilha do circulo vicioso.** 2 edi. São Paulo. SENAC, 2003.

SILVA, Márcia Nazaré. **A educação ambiental na sociedade atual e sua abordagem no ambiente escolar.** Âmbito Jurídico. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11367&revista_caderno=5. Acesso em: 13 agosto 2019.

Silva e Mesquita. **O movimento cultural do alto José do pinho e suas Contribuições para a educação: um relato Autobiográfico - 2016.**

SILVA, Tainan. **O Colorismo E Suas Bases Históricas Discriminatórias - 2017.**

TAVARES, Mauricio. **Comunicação Empresarial e Planos de Comunicação: 2 edi.** Editora Atlas, 2009.